

OS VALORES REFORMADOS COMPROMETIDOS PELO SENSACIONALISMO ADVINDO DOS MEIOS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS

Fábio Oliveira dos SANTOS JÚNIOR*

RESUMO: Existe alguma relação entre o protestantismo histórico e o pentecostalismo atualmente vivido em nossas sociedades? Acreditamos que sim e, por este fato, nos vemos na responsabilidade de pensarmos sobre aquilo que é prejudicial à história da Igreja, principalmente, nesta vivência religiosa da atualidade. Aqui pretendemos descrever algumas características do pentecostalismo e do neopentecostalismo que faz com que os valores reformados sejam desacreditados, quando o que predominam em seus meios são sentimentos e ações diversas e, muitas vezes estranhos e ante bíblicas. As características destes comportamentos se dão nos diversos momentos dos cultos, porém, ganha uma visibilidade maior e determinante na homilia/pregação

PALAVRAS-CHAVE: Reforma; Pentecostalismo; Sensacionalismo; Fé.

* Mestrando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista do Estado de São Paulo (UMESP); Pós Graduado em Sociologia e o Estudo da Sociologia pela Claretiano Centro Universitário (CCU); Pastor da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico; e-mail: fabio-seab@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Visamos aqui, fazer uma crítica aos grupos religiosos modernos, partindo de uma alusão ao que conhecemos como Reforma Protestante ocorrido entre os anos de 1517 - 1545. Não é uma exposição histórica da Reforma, mas alusões a características de tal evento que nos sustentam em nossa principal crítica. Pretendemos apontar como que os ideais deste importante advento são postos em risco, a partir, do que denominaremos nesta pesquisa de sensacionalismo, também caracterizado aqui pelo termo emoção. Não visamos fazer uma descrição de maneira detalhada daquilo que deu novos rumos para a teologia cristã e para a humanidade, em que, a partir, de um contexto plenamente difícil para a religião, político e socialmente comprometedor à sociedade, ocorre o que foi denominado de um dos maiores cismas da História da Igreja, a Reforma Protestante.

O presente texto se centraliza em fazer uma observação a determinadas situações que são vistas como fatores que

dificultam e impedem o pronunciamento do Evangelho e que, conseqüentemente mancha, em certo sentido, a história da Reforma Protestante. A análise feita parte de uma crítica ao que chamamos de sensacionalismo, advindos dos meios pentecostais¹ e neopentecostais² especificamente. As observações aqui feitas estão relacionadas as posturas de tais grupos, mais especificamente, a determinadas pessoas, em que

¹ O movimento pentecostal é de cunho histórico, com início no século XX, em que se destacam Charles Fox Parham e William Joseph Seymour, como precursores de tal movimento. O principal momento do movimento Pentecostal vai ser registrado na conhecida Rua Azuza. Para uma melhor compreensão do pentecostalismo, consultar Leonildo Silveira Campos na obra: *As Origens Norte Americanas do Pentecostalismo Brasileiro*. Na origem do Pentecostalismo, se ver característica do Reavivamento Histórico dos finais do século XVIII e início do século XIX, entretanto, este Pentecostalismo moderno se distingue em muitas características ao episódio do Reavivamento na Inglaterra dos anos de 1750 a 1825 especificamente, em que, os principais nomes deste acontecimento, são: os irmãos Wesley, John Newton, William Cowper, os irmãos Milner, William Wilberforce, Henry Venn e Hannah More. Para uma melhor exposição consultar Latourette (vol 2, p.1372-1428). Diga-se também de um pentecostalismo de característica Reformada, mas que, é plenamente distinto do que aqui criticamos.

² O neopentecostalismo é um movimento religioso pós-moderno, em que os interesses são de cunho econômico. Muitas destas Instituições são movidas pelo pensamento neoliberal, em que, as bases teológicas são voltadas para a teologia da prosperidade. Assim sendo, todos os cultos são mediados por campanhas em que algo deva ser vendido para estimular a fé da massa.

o comportamento diz respeito à valorização e importância daquilo que se conhece mais popularmente como pregação/homilia/prédica, e que se tornam motivos de críticas nos meios sociais.

O que pretendemos, portanto, é mostrar como que os textos bíblicos são expostos em muitos púlpitos destas Instituições, apontando se há algum tipo de manipulação nestas exposições, para atingir os respectivos grupos e pessoas muitas vezes sensíveis pelas muitas pressões enfrentadas no dia-a-dia. E, a partir desta perspectiva, descrever como que os textos bíblicos, vem perdendo sua principal funcionalidade, levado muitos a um fardo insuportável e desmotivador, sem fazer os seus verdadeiros efeitos que é transformar pessoas e torna-las melhor diante da vida. Diga-se, que este fenômeno³ é

³ Termo sociológico, que identifica dentro de determinados grupos da sociedade, variados comportamentos que de tanto ser repetidos torna algo comum e identificador dos mesmos grupos praticantes. Aqui é importante lembrarmos que muitas igrejas denominadas pentecostais não têm comportamentos tais como os acima descritos, antes tem o compromisso pelo o ensino verdadeiro das Escrituras Sagradas.

Este “tudo” está muito relacionado normalmente a quantia em dinheiro, que o membro é psicologicamente manipulado a contribuir, na maioria das

frequentemente identificado dentro das igrejas denominadas pentecostais e neo-pentecostais.

Estas ultimas, têm um foco totalmente materialista, em que, os seus membros são condicionados a estarem “dispostos a dar tudo o que tem para que Deus possa abençoá-los”⁴, pois esta atitude, “é” a demonstração de fé que agrada Deus. E ainda, estas argumentações, são plenamente amparadas nos Escritos Sagrados, por aqueles que estão à frente. Assim sendo, percebemos que não há mais vendas de Indulgencias, mas o Sagrado continua sendo comercializado. A fé continua sendo meio de comércio, um instrumento capital o qual favorece os senhores feudais do século XXI. E que desperta, o sentimento

vezes sem condições. Percebe-se que somente nesta questão existe um distanciar imenso do ideal de Deus para com o homem, contido nos textos bíblicos. As principais igrejas, com estes tipos de interpretações, são p.e. IURD, IMPD, IR, IIG.

⁴ Este “tudo” está muito relacionado normalmente a quantia em dinheiro, que o membro é psicologicamente manipulado a contribuir, na maioria das vezes sem condições. Percebe-se que somente nesta questão existe um distanciar imenso do ideal de Deus para com o homem, contido nos textos bíblicos. As principais igrejas, com estes tipos de interpretações, são p.e. IURD, IMPD, IR, IIG.

de reforma, em busca da fidelidade às Escrituras Sagradas na atualidade.

Em meio a todas estas questões, e com esta postura inconsequente, em relação à exposição dos Textos Bíblicos sem o mínimo de preparo, é que a história Reformada passa a ser desacreditada na atualidade, uma vez, que a Reforma Protestante é provocada por um anseio de mudança no seio da Igreja, devido também, a teologia distorcida da época. Como este contexto compromete a Reforma Protestante como ideal de fidelidade a Deus e aos homens? Tentaremos responder, especificamente, descrevendo o fenômeno mais popularmente conhecido como “pentecostalismo” que se caracteriza em nossa análise com a glossolalia, a desordem, o pula-pula e uma liturgia desprovida de quaisquer princípios organizacional, em que, tem ocupado o lugar e o momento daquilo que deveria ser uma exposição responsável, lógica e racional das Escrituras Sagradas. Este é o contexto religioso da atualidade em muitos meios. E, o caminho que apontamos aqui é a crítica a tais

grupos, como defesa aos ideais reformados estabelecidos e vividos pelos nossos heróis da fé do século XVI.

1. AÇÕES QUE CONTRIBUEM ÀS CRÍTICAS CONTRA O EVANGELHO DENTRO DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS E A SERIEDADE DE SUAS CARACTERÍSTICAS À REFORMA.

A importância desta crítica ganha sentido, quando analisamos que a boa apresentação dos Textos Sagrados, como sendo um dos processos educativos da fé cristã, tem sido substituída pelo sensacionalismo humano. Percebemos um verdadeiro desdém ao Evangelho no que se refere ao ato da pregação. Tendo em vista o valor, literalmente ignorado, dos Textos Bíblicos, uma vez que eles visam direcionar o ser humano para uma vida com sentido de existência, por nos fornecer “muitos fatos acerca de Deus, de nós mesmos, do pecado, da salvação e do futuro, os quais precisamos conhecer” (ZUCK, 1994, p.14), como elementos norteadores da mensagem e da fé cristã. Inquieta-nos, quando os mesmos são desconsiderados no ato de sua exposição.

Encontramos ações bárbaras em grupos religiosos ao “proclamarem” o Evangelho que afirmam ser de Cristo. Do ponto de vista de fé, os Escritos Sagrados possuem os elementos que o ser humano precisa para ser sustentado no aspecto espiritual e em sua realidade existencial, neste sentido vemos o valor de a *sola scriptura*⁵, de forma que isso reflita na exterioridade, ou melhor, nas suas práticas cotidianas. Entretanto, o que realmente acontece não são comportamentos, em que, as Escrituras Sagradas mostre o significado transformador e libertador, pois este significado não é explicitado. As instituições ‘frutos’ da Reforma, realmente,

⁵ Termo cunhado pelos reformadores e, plenamente defendido por Martinho Lutero, em que do ponto de vista da fé, é mediante as Escrituras que o homem compreende sua condição, a causa destas condições e o caminho para que as mesmas condições sejam transformadas. Nas palavras de Cairns a ideia de tal expressão é que “as Escrituras são a única autoridade para o pecador procurar a salvação” (2008, p.260). As Escrituras, em resultado disto, se torna a única regra de fé e prática dos fieis que se dispõem viver a fé genuinamente cristã.

refletem as Escrituras como deveria? É evidente, que poucas delas são fieis à tradição reformada⁶.

O que nos conduz a esta provocação, é o fato, de frequentemente vemos na mídia, críticas a certos comportamentos de grupos religiosos que se reúnem para “adorar a Deus”, porém, suas ações, revelam mais uma ofensa contra a Divindade, do que precisamente, um momento de adoração. Uma vez que, os comportamentos que intermediam tal momento exprimem desordem, descontrole emocional e conseqüentemente, falta de racionalidade na forma de cultuar (cf. Rm 12. 1^a). Isso denota claramente atitudes que causam de fato escândalo, não só para a mídia, mas no próprio meio cristão. Com isso, nos questionamos em que realmente implica a pregação do Evangelho? Como é entendido o “poder” prometido pelo Cristo aos seus discípulos? E, o que é muito comprometedor à tradição teológica cristã: como que a pessoa

⁶ Referimo-nos as igrejas confessionais e históricas – Luteranas, Presbiterianas, Batistas, Metodistas - que ainda preservam os valores reformados.

do Espírito Santo é vista, a partir destes tipos de comportamentos? Até quando o Evangelho será ridicularizado?⁷ Estas e outras perguntas são feitas por cristãos e não cristãos críticos ao se depararem com os, denominados, animadores de plateia que se alto titulam como pregadores do Evangelho.

O que estamos afirmando, é que há uma necessidade de resgate dos valores reformados na pregação. Pois, os pregadores ao invés de exporem a Bíblia de uma maneira coerente e lógica, se entregam a um entusiasmo emotivo⁸ e descontrolado dando, com isso, motivos às muitas críticas que presenciamos nos meios sociais. O que causa estas críticas ao

⁷ Muitos acontecimentos comprometeram a fé cristã em todo curso histórico, basta olharmos para os eventos e praticas que foram marcantes na história da Igreja, tais como as cruzadas (1096-1229), as indulgências, a participação da Igreja com as práticas Nazistas (1933-1945[?]). Foram eventos históricos que ridicularizaram a igreja naquilo que implica a sua verdadeira missão.

⁸ Utilizamos este termo, para distinguir do termo êxtase, pois conforme Paul Tillich “êxtase não é uma negação da razão, mas sim o estado da mente, no qual a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. Ao está além de si mesma, a razão não nega a si mesma. ‘Razão extática’ continua sendo razão; ela não recebe nada irracional ou anti-razional”. Para melhor esclarecimento consultar a obra Teologia Sistemática (p. 124-127).

Evangelho, propriamente dito, são diversos fatores, dentre os quais se destaca nestas paginas o sensacionalismo que está em oposição constante a uma reflexão sadia e racional dos Textos Sagrados, que na condição de Livro Histórico e Divino exigem ações responsáveis por parte daquele(s) que vai ao seu encontro para explaná-lo. Pois, em consequência disto, vemos que “cada [Texto] é um testemunho de vida” (ANDIÑACH, 2015, p.26) e, é o mistério divino prestes a ser revelado em palavras (cf. TILLICH, 2015, P.136) que exige integridade.

2. A LUTA ENTRE O SENSACIONALISMO E UMA FÉ AMPARADA PELA RACIONALIDADE

A crítica continua às ações emotivas que, em muitas reuniões de instituições, mediam o momento da pregação, ou melhor, a substitui. O que queremos especificar aqui, é que não há uma preocupação com o sentido do Texto, com a importância que o próprio Texto tem para aquele momento. Não desmerecemos o simples fato de pessoas fazerem interpretação dos Textos Bíblicos sem ser um acadêmico, tanto que partilhamos da ideia de Wegner ao afirmar com muita

lucidez que “o povo, embora não tenha formação teológica acadêmica, tem saber teológico e, independentemente dos exegetas, interpreta os textos bíblicos a partir de sua experiência de fé dentro da sua vida diária” (WEGNER, 1998, p.24). Entretanto, o que apontamos é a interpretação do Texto Bíblico para outros em uma reunião – culto - por exemplo. Com esta responsabilidade, vemos que a interpretação, a partir da experiência meramente, se torna comprometedora ao fim específico do Evangelho. Em outras palavras, aquele que se compromete em transmitir os Textos Sagrados em forma de pregação deve entender a seriedade deste ato.

A partir de tal realidade, vemos o Texto Sagrado sendo substituído por todo e qualquer tipo de ação e reação que ‘o pregador’ se permite e condiciona, e não poucas vezes, provoca para evidenciar a sua figura como tal. Neste sentido, vemos uma reivindicação de uma experiência de êxtase que, entretanto, não passa de puro sensacionalismo e de justificativas para se isentar da verdadeira responsabilidade, no ato da pregação, proveniente do não preparo. Não negamos o

êxtase como uma característica da teologia e da fé cristã, uma vez que ele proporciona viver a realidade da revelação, entretanto, o êxtase não é algo irracional e fora dos padrões de sanidade, pois, embora “transcende o nível psicológico, [tem] o lado psicológico”, conforme explicitado por Tillich (2005, p.125), ou seja, a realidade do êxtase não condiciona aquele/a que prega a ações irrefletidas e irresponsáveis para com a exposição dos Textos Sagrados.

Mas, não é o que vemos em muitos púlpitos das instituições religiosas. Deparamo-nos com uma inversão muito séria quando o assunto é o ‘pregar a palavra’ e o aparecer-se. Durante o momento que deveria ser transmitida a mensagem, pouco ou quase nada se houve falar do conteúdo Bíblico, propriamente dito, lido pelo mesmo ‘pregador’, que nessa situação chamamos de animador de plateia. O que é mais frequente, é vermos após a leitura Bíblica, o indivíduo parti para o que eles autodenominam de “poder”⁸, esquecendo as

⁸ Normalmente estas pessoas fazem uso do texto de Atos dos Apóstolos 1,8 para justificar tais ações e atitudes, esquecendo portanto, das especificidades

vezes o real significado de tal palavra. E, assim, entram em uma insuportável gritaria, pulos, e a conhecida glossolalia dizendo estar pregando. E, o que é realmente necessário fica de lado; o sentido edificante e transformador dos Textos Sagrados, em que há “o poder doador de vida para a comunidade” (HILDEBRANDT, 2008, p.186). Entretanto, torna se perigoso, de estes comportamentos, mediados pela emoção, fazer com que as pessoas não sejam instruídas e orientadas da forma devida e, com isso, correrem grandes riscos como têm acontecido, de não terem uma base de vida alicerçada, a partir, da Fé que é sustentada na própria Escritura Sagrada.

e preciosidades históricas e contextuais presentes em tal texto. A palavra ‘poder’ é de origem grega, derivada do substantivo δύναμις [dynamis], usada muitas vezes pelos próprios escritores dos Textos Bíblicos. Entretanto, cada uma dessas palavras irá se apresentar com específicas funcionalidades e sentidos e em suas respectivas formas, porém nenhuma nos dará a possibilidade de entendermos de maneira como tais grupos se apresentam. Encontramos, por exemplo, (Rm 1,16) em que o Apóstolo Paulo consegue ver o Evangelho com uma capacidade exclusiva de destruir as forças dominadoras na vida de qualquer ser humano, a ponto de salvá-lo, das escravidões ideológicas, dos sistemas e da própria personalidade, pois é o de δύναμις de Deus para salvação daquilo que o próprio Evangelho aponta como pecado.

Uma exposição racional dos Textos Bíblicos é de responsabilidade de todo aquele que se entrega a esta preciosa missão. Os Escritos Bíblicos tal como é, não podem ser substituídos por uma entrega à emoção, a ponto de conduzir aquele/a que ‘prega’ a não ter a preocupação em esforça-se a transmitir fidedignamente o conteúdo exposto da Bíblia. Aquele que ouve, também tem a responsabilidade de não se entregar a ações emotivas, antes, e acima disto, a usar a razão e esforçar para entender a proposta verdadeiramente Bíblica e, não serem iludidos por verem pessoas caindo no “poder”. Pois, o espírito dos profetas deve estar submisso aos profetas (cf. I Co 14.32). O sensacionalismo deve ser vencido por um viver de fé amparada pela racionalidade, isto é uma questão de vida para as nossas comunidades de fé na atualidade.

Aqui, mais uma vez criticamos dizendo que a fé cristã não é pura emoção, é uma realidade baseada em fatos, é desenvolvida em uma história e a partir dos Textos, que por sua vez são fundamentados em realidades contextuais que seus escritores e receptores estavam inseridos. Por este fato, a fé

cristã deve ser desenvolvida pela racionalidade que a sustenta, ou seja, uma racionalidade já intrínseca no texto e, claro, uma racionalidade presente em quem o interpreta e, em quem o escuta. A dimensão da fé não está somente no ouvir, no emocionar-se, pois “a fé é [uma] confiança racional” (STOTT, 2012, p.52). Ter fé é, portanto, ouvir e racionar.

3. O SENSACIONALISMO ERRONEAMENTE JUSTIFICADO NAS ESCRITURAS SAGRADAS E NUMA POSSÍVEL ATUAÇÃO DO ESPÍRITO DE DEUS.

Em meio a tudo que descrevemos, algumas pessoas fazem uso da própria Bíblia para justificar suas ações. E, com isso, resta afirmamos que o está cheio do “poder” (cf. At 1.8), não significa, não ter controle de si. E sim, do ponto de vista de fé e, o que a Bíblia propõe, é ter ousadia para propagar de maneira mais fiel possível a mensagem do Evangelho, que é simples e com poder transformador, mediante a ação e influência do Espírito Santo (cf. At 2.37-40⁹). Pois a pessoa do

⁹ Percebemos no texto, Pedro cheio do poder do Espírito Santo, em sua consciência ministrando de forma que mais ou menos três mil almas foram

Espírito Santo é uma promessa do Cristo (cf. Jo 16.5-15) e “aparece como a ‘força do alto’ aos discípulos” (SCHNELLE, 2017, p. 214). Esta questão pode dificilmente ser compreendida, principalmente por aqueles que acreditam que na mensagem tem que existir, o poder, que os descrevem. Entretanto, a partir da fé, o Espírito Santo tem toda liberdade no transcurso de um culto oferecido a Deus. O problema é, com que finalidade o Espírito Santo¹⁰ se manifesta em qualquer momento? E, se isto vem ao encontro com a realidade de nossas reuniões hoje.

Será que a finalidade desta possível ‘manifestação’ da Pessoa do Espírito Santo nesses meios religiosos, visa condicionar as mesmas instituições a um constante sentimento de competitividade entre si? Acreditamos que hoje não deve ser diferente a ação do Espírito Santo, como no início da era cristã.

libertas da escravidão do pecado, arrependendo e aceitando Jesus como Senhor e salvador de suas vidas.

¹⁰ A manifestação do Espírito Santo é de finalidade em que a pessoa que vive a experiência com ele tenha uma vida transformada, de forma que os seus velhos atos, sejam substituídos pela caracterização do novo homem. Mas, o que acontece é que depois do culto cheio de poder, as atitudes de quem estavam cheios/as de poder, evidenciam mais as obras da carne, do que precisamente, o Fruto do Espírito (cf. Gl 5.13-26).

Pois, sua função consiste em executar a obra de Deus previamente estabelecida, visando levar o ser humano a entender a Sua vontade mediante o Evangelho e, conseqüentemente, ao arrependimento. Mas, quais são os frutos que as pessoas que tem ‘recebido’ este ‘Espírito’ hoje, têm demonstrado? Uma inconstância¹¹, pelo fato de que a igreja x ter mais ‘poder’ que a y? Atitudes infantis por que agora foi cheio de ‘poder’? E, uma série de outras questões que não precisamos descrevê-las.

Os sentimentos acima descritos são reprováveis na perspectiva Bíblica. Pois, ao analisarmos as Escrituras Sagradas e atentarmos para a ação do Espírito Santo na vida de uma pessoa, perceberemos aspectos transformados e maturidade de vida pela mesma. E, nisto consiste a objetividade da ação do Espírito Santo na vida daquele que o recebe, a saber, fazê-lo

¹¹ Nos referimos ao transito religioso que vem acontecendo com tanta frequência nos dias atuais, e o que se ver é a busca pela melhor Igreja. As pessoas vivem uma instabilidade religiosa, não conseguem se fixar em lugar algum, pois sempre surge novidade nas muitas instituições existente, isso quando não surge uma instituição como novidade.

andar em novidade de vida (cf. Sl 51.12-13*; Jo 16.13; Gl 5.16-26), esses textos vem ao encontro do que estamos falando, em que a vida daquele que é cheio do Espírito Santo é de um padrão louvável ao Divino de maneira que as atitudes não deprecie a vida e por consequência não conduz à negação da fé.

Ainda fazemos uma crítica a algumas expressões dessas pessoas movidas pela emoção; ao afirmarem que, “quando o Espírito age ninguém controla”; “quem critica é uma pessoa fria que não conhece o mistério de Deus”; “Aqueles que se escandalizam são filhos do Diabo” etc., expressões que visam justificação das ações que negam a racionalidade em uma Adoração. Pois, a ação do Espírito não causa anarquia alguma. E ainda dizem, “o Espírito é quem controla o culto”, e de fato é, mas como temos dito até então, o Espírito Santo tem a função de fazer com que os homens entendam e creiam na verdade de Deus contida na Escritura mediante a pregação, e se convençam e sejam conduzidos ao arrependimento.

Para justificar suas ações, eles expressam a seguinte frase: “O evangelho é poder”, e como vimos, de fato é. Mas, acreditamos que o poder do evangelho consiste em resgate, transformação e salvação de vidas. E não em gritarias, desordem, ou algo semelhante. No entanto, quando esta pregação é substituída, pela emoção humana, como tem acontecido, onde existe a ação do Espírito Santo? Quando isto acontece, nos deparamos com pessoas vivendo grandes decepções religiosas quando se deparam com os verdadeiros desafios que a própria vida propõe. Pois o sentido vivificante contido no Evangelho e, substituído pelo sensacionalismo humano, não surtirá efeito como se espera. Não podemos imaginar que a genuína fé cristã deva ser sem fundamentos, sem fatos para fortalecê-la, uma fé débil e mediada pela mera emoção e sentimentalismo, achando que ela é inteiramente irracional. Antes, a “fé somente pode nascer e crescer em nós pelo uso de nossas mentes”, (1982, p.22) como Stott descreve precisamente.

Portanto, vemos que a Escritura Bíblica nas reuniões precisa receber uma atenção mais responsável. Uma vez que “a palavra torna-se uma realidade viva na vida da comunidade” (HILDEBRANDT, 2008, p.186), ela não pode ser substituída por nada que pareça bom. Por este fato, “quem prega sabe que esforços são necessários para elaborar uma prédica [sermão] para refletir sobre o que o texto tem a dizer. [Pois], a comunidade que se reúne, [é] para ouvir a palavra de Deus” (SCHNEIDER_HARPPRECHT, org., 1998, p.144) conforme nos explicita Michael. Em meio a toda crítica aqui feita, não é prudente defendermos uma ação como racional quando as atitudes não encontram respostas racionais e, negam a fé que é repleta de racionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que tentamos apontar aqui é a desconsideração da “história como [fator] proeminente do texto bíblico” (HASEL, 2008, p.365) e todo contexto inserido nesse texto, em que, há pouco ou nenhum caso do “interesse primário [da] bíblia, [que

é] a ação de Deus [na história]" (HASEL, 2008, p.366), por parte de pessoas e Instituições religiosas. Percebemos, por fim, que deve haver sempre uma luta por parte daquele que prega para não ser movido à emoção e quaisquer outros sentimentos que roube o momento preciso e precioso de uma boa apresentação daquilo que o Divino já revelou nos Escritos Sagrados. Aqui se encaixam precisamente os dois conselhos do Apóstolo Paulo (cf. Rm 12.7 e 2 Tm 4.2); dedicação e fidelidade no ato da pregação é imprescindível.

Pois, Deus se manifesta na história humana e revela sua vontade para pessoas plenamente inseridas em um contexto histórico, político, social e econômico redigindo tais vontades. Ele "escolheu falar Sua Palavra através das palavras humanas na história" (FEE; STUART, 1997, p.17). E, estas palavras de Deus, não podem ser substituídas pelo sensacionalismo, em que, a "relevância eterna" e a "particularidade histórica" presente nos Textos Sagrados, percam seus sentidos, muitas

vezes pela experiência subjetiva¹², pela emoção e não poucas vezes por interesses pessoais e egoístas.

A Bíblia em sua natureza é repleta de sentido para a humanidade, e sabendo que este sentido, ignorado, foi um dos principais motivos que provocara a Reforma Protestante, de forma que a Igreja voltasse a este sentido original e verdadeiramente teológico contido em tais Textos; pois “os reformadores estavam interessados em desenvolver uma teologia que estivesse em completa concordância com [a Bíblia]” (CAIRNS, 2008, p.250). Chamam-nos a atenção grupos que, historicamente, são vistos como frutos dos ideais Reformados, mas que têm feito com que os valores intrínsecos deste advento sejam comprometidos. E, o que percebemos, é que para muitos grupos a Bíblia não passa de mais um objeto de uso em suas liturgias, sem quaisquer significados de vida e

¹² Não queremos desconsiderar aqui, a realidade das experiências vividas por tais indivíduos (as), mas, essas experiências pessoais não podem ser consideradas como uma regra onde todos, neste caso os ouvintes, tenham que viver, pois tal experiência foi para aquele pregador (a). Não se pode fazer das experiências pessoais uma regra áurea da fé. Mas, o que a própria Bíblia tem a dizer.

fé, em que, determinadas práticas e teologias seriam tão reprovadas pelos reformadores, como foram no século XVI.

A falta do espírito reformador tem feito com que o Evangelho perca seu sentido, assim como aconteceu em certos momentos na história. Mas, o que é de característica na atualidade para que isso aconteça, é exatamente, o desprezo direcionado à Escritura Sagrada, como meio de revelação de Deus ao homem. As pessoas não estão mais preocupadas em ir a uma Instituição para conhecer a vontade do Criador à sua vida, antes por que será realizado a campanha tal, será o pregador tal cheio de poder, etc., e os valores da Reforma, com isso, vem perdendo sentidos nesses meios.

Vemos que todo e qualquer sentimento contrário ao projeto Divino para a humanidade deve ser combatido, neste sentido a expressão de Tillich tem muita relevância, ao relatar que “na Reforma, o espírito profético atacou um sistema sacerdotal demoniacamente pervertido e produziu a cisão mais profunda que ocorreu no desenvolvimento do cristianismo”

(TILLICH, 2005, p.145). Percebemos que, na atualidade, este espírito profético precisa novamente se manifestar, visando com isso, despertar a seriedade do que aqui expomos, por parte dos fiéis e de todo cristão com espírito reformado e de boa fé.

REFERÊNCIAS

ALAN, Kurt [et.al.] **The Greek New Testament**. São Paulo: SBB,1975.

ANDIÑACH, Pablo R. **Introdução Hermenêutica ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã**. 2ª edição; São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMPOS, Leonildo Silveira: **As Origens Norte Americanas do Pentecostalismo Brasileiro: Observações sobre uma relação ainda pouco avaliada**. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica**. 2ª edição, São Paulo: Vida Nova, 1997.

HASEL, Gerhard. **Teologia do Antigo e Novo Testamento: Questões básicas no debate atual**. São Paulo: Edições Academia Cristã; Edições Loyola, 2008.

HIDEBRANDT, Wilf. *Teologia do Espírito de Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Academia Cristã; Edições Loyola, 2008.

LATOURETTE, Kenneth Sott. **Uma História do Cristianismo**, Vol. II. São Paulo: Hagnos, 2006.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1998.

SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

STOTT, John R. W. **Crer é também pensar**. São Paulo: ABU, 2012.

_____. **Cristianismo Equilibrado**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. 4ª edição; São Paulo: ASTE, 2015.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1998.

ZUCK, Roy, B. **A Interpretação Bíblica: Meios de Descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.